N.º 3
Ano 1

TENTATIVA

Agosto
1949

Diretores: ANDRÉ CARNEIRO — CESAR MEMOLO JR. — DULCE G. CARNEIRO

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL
Numemo Avulso Cr$4,00 - Atrasado Cr$ 5,00

ATIBAIA (Est. São Paulo - Brasil)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Benedito A. Bueno, 5-Cx. Postal 22

CANCIONEIRO PAULISTANO

Otto Maria Carpeaux

Se a literatura universal de todas as linguas e de todos os tempos constitui, conforme T. S. Elliot, um Cosmo bem organisado e bem hierarquisado de valores — então tudo deve estar em relação qualquer com tudo: a elegia erótica dos romanos seria explicavel pelas qualidades próprias da balada popular russa etc., etc. Estou exagerando, de propósito, mas o negócio não é tão absurdo como parece. Só é muito difícil. Há tempo publiquei na revista "Literatura" artigo em que pretendi explicar (duvido se com êxito) a lingua artificialmente criada de Joyce pela lingua macarrônica, mistura grotesca de latim e italiano, do poeta italiano Teofilo Folengo, do século XVI. Naquele tempo meus amigos, os novos de Belo Horizonte, assaltaram-me com perguntas quanto a essa figura esquecida e no entanto memorável. Quiseram saber como me ocorreu citar-lhe o nome, tão de repente. Respondi: embora já na Europa me tenha ocupado dele, só no Brasil consegui compreendê-lo.

Explica-se tudo por tudo. Explica-se Joyce, invocando-se a memória de Folengo. Explica-se Folengo, invocando-se a a memória de Juó Bananére.

Seu destino lembra, de qualquer maneira, o do poeta maior Augusto dos Anjos: a literatura oficial não lhe quer tomar conhecimento da existência; mas o povo continua a gostar dele, o povo e os estudantes do Largo São Francisco entre os quais tem surgido tantos poetas. Mas ao lado destes, Juó Bananére não faz grande figura. Hoje em dia, os seus versos só seriam admissíveis como notas marginais, humorísticas, da admirável "Lira Paulistana" de Mario de Andrade. E então, no tempo dele, as cartolas acadêmicas não toleravam a irreverência do "candidato à Gademia Baolista de Letras". Indignados, e no entanto com a má consciência dos que eram boêmios no tempo do "republicanismo histórico", agredindo eles mesmos os cranios venerandos da Paulicéia, teriam respondido, quando muito, na própria lingua de Juó: "Xinguê, xingaste!" Mas isso já é um meio-verso do nosso poeta paulistano, fazendo êle, parodiando Bilac "prupaganda da literatura nazionale".

A DIVINA ENCRENCA, de Juó Bananére é todo assim: paródias de poesias que estão gravadas na memória nacional. Muita coisa dessas já envelheceu, com o esquecimento das falsas celebridades de outrora. Uma ou outra alusão do poeta satírico já nos parece, hoje, hermética como um verso de Mallarmé porque ignoramos o sentido das irreverências contra o marechal Hermes e o digno Partido Republicano Paulista. No entanto, é deliciosamente brasileiríssima a mistura de palavras portuguesas e itálianas, a novíssima lingua dos imigrantes italianos no Estado de São Paulo. A obra de Juó Bananére é mesmo "pendant" nacional da epopéia itálica, da qual parodia o titulo. Pois, a DIVINA ENCRENCA compreende o Universo inteiro. Saindo do inferno dos politiqueiros, o poeta pisa a terra de Gonçalves Dias —

"Migna terra tê parmeras,
Che ganta inzima o sabiá...
A abobora ce'éstiá tambê,
Che tê ià na mia terra,
Tê mu.tos mirió di strella..." —

para subir depois, conforme o programa do "poema sacro" para o céu de Bilac —

"Che scuitá strella, né meia [strella!
Você stá malucol..
Pois só chi giá studó Astrolo- [mia
É capaiz de intendê istas stre- [la!"

No tempo de Bananére a literatura dos consagrados gostava de excursões exóticas assim, e particularmente para a Italia. Dante foi considerado como espécie de parnasiano mediavel. e Leopardi — o grandissimo Leopardi que convem estudar ao lado de Pascal e Rilke — viu-se reduzido a pálido profeta da melancolia, pessimista porque previu (como profeta) quem o traduziria. Apesar dessa citação voltairiana não pretendo comparar Juó Bananére nem a Dante nem a Leopardi; apenas com Teofilo Folengo, italiano tambem e dos eruditos, mas que não escreveu no italiano do povo nem no latim dos humanistas acadêmicos e sim numa lingua sua, inventada, mistura infernal de vocábulos italianos e sufixos latinos: em lingua "maccaronica". Nessa lingua escreveu a epopéia heróicómica "Baldus", história de filho de camponeses que pretende imitar os barões: um Dom Quixote dos ladrões. A sátira de Folengo dirige-se com ferocidade contra os aristocratas, fardados ou não, que exploram oficialmente a terra. Causam-lhe repugnância especial os cavaleiros perfumados que escrevem bilhetes de amor em lingua latina: os parnasianos daquela época. É inimigo feroz da Renascença que lhe parece invasão estrangeira no seu país essencialmente agricola. No entanto, êsse poeta satírico, grosseiro e às vezes obsceno, era possesso de angústia religiosa que cheira a heresia luterana; êsse monge "défroqué", filho do povo miudo, maltratado, escreveu "macarronicamente", protestando contra a apostasia das elites, contra a transformação da lingua nacional em linguagem latinizada do classicismo. Através da brincadeira linguistica desse humorista fala a consciência do século.

Poetas "maccarronicos" aparecem em todas as literaturas e em todos os séculos; é um fenómeno cujos motivos estilisticos e sociais ainda não foram devidamente estudados. Folengo parece ridicularizar os que não sabem bem o latim; mas na verdade zomba dos que não querem falar italiano. Juó Bananére — não se comparam valores e sim apenas os "casos"— parece ridicularizar os imigrantes italianos que não sabem falar bem o português; mas na verdade zomba dos brasileiros que preferem a expressão estrangeira —e que são, por sinal das mesmas classes, da mesma "elite" que Folengo odiava. A poesia macarónica— não envelheceu ainda.

De maneira muito modesta, sem consequências literarias, o paulista Juó Bananére tambem foi e é algo como uma voz da consciência nacional. Muito, nele, já se tornou incompreensivel, assim como nos parece hoje herméticas certas alusões frequentes na balada popular medieval, no Cancioneiro espanhol e no Cancioneiro português. Mas ali a interpretação em profundidade talvez forneça algum resultado. Atrás do humorismo irreverente talvez se escondam oposições outras, dolorosas: "humor e dolor", como acontece tantas vezes. Juó Bananére é produto legítimo mas, antes de tudo, produto completo da velha cidade, do Largo São Francisco, da Avenida São João, do Braz e Barra Funda: no seu Cancioneiro Paulistano tudo isso está presente — presente porque ainda há muita encrenca, embora nada divina.

(Rio de Janeiro - 1949)

Colaboram neste numero

Alcântara Silveira
Aldemir Martins (ilustrações)
Amelia Martins
André Carneiro
Cassiano Nunes
Cesar Memolo Jr.
Cyro Pimentel
Domingos Carvalho da Silva
Dulce G. Carneiro
Edgard Braga
Fred Pinheiro
Guilherme de Almeida
J. B. Peçanha Sobrinho
J. Carvalhal Ribas
José Eduardo Leite
José Escobar Faria
Ledo Ivo
Mario da Silva Brito
Matias Pascal
Otto Maria Carpeaux
Sylvain Françe

Colaborações inéditas e especiais para TENTATIVA